

# Presença portuguesa no Brasil

A. Gomes da Costa

Depois da Independência de 1822, a presença portuguesa no Brasil fez-se, principalmente, com a emigração. Houve, é bem verdade, algumas influências literárias, ou momentos cívicos partilhados entre os dois países, como, por exemplo, quando da 1ª travessia aérea do Atlântico, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Mas, o que mais marcou, ao longo destes 180 anos, no cenário nacional, as ligações entre os dois países foram os portugueses que vieram realizar no Brasil seus projetos de vida.

Hoje, num país de 170 milhões de habitantes, esses portugueses têm uma expressão numérica irrelevante – mas não foi assim noutros tempos, quando chegaram a ser mais de 10% da população de grandes cidades, como Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos etc. Hoje, numa economia que está entre as maiores do mundo, o seu peso econômico não tem comparação com o que era no passado, quando o comércio, a banca, a construção civil e as atividades agrícolas estavam em grande parte sob seu controle. Hoje, não influem na vida política como nos idos do Império, quando através de seus descendentes e de seus empregados eram responsáveis por muitos votos. Hoje, os seus patrimônios associativos podem não ter na sociedade urbana a mesma importância – os “gabinetes de leitura”, os “liceus”, os hospitais das “beneficências” e as “casas de Portugal” – mas não podemos esquecer que se os “gens” e os “*patterns*” da cultura portuguesa estão presentes no Brasil isso se deve, sobretudo, ao universo associativo de raiz lusitana.

Não há exagero em afirmar que se tirarmos a Língua, as heranças da colonização, as instituições, a religião cristã, os acervos artísticos, enfim, todos os elementos da nossa própria identidade, o que o Brasil tem ainda de português devemos-lo muito aos imigrantes, que souberam transplantar para a terra de acolhimento não apenas o seu sonho e o seu destino, mas também os valores que faziam parte de sua vida anterior à diáspora – a aventura e a saga de um

povo, o culto mariano e as danças folclóricas, os costumes e as tradições.

Neste corte da História, poderíamos perguntar: e o que fizeram os governos para enriquecer essa presença portuguesa no Brasil? A resposta certa seria dizer que fizeram muito pouco. Passou a Regência e o primeiro Reinado e ou por causa da ruptura política com a antiga metrópole ou por causa do azedume das Cortes de Lisboa, ou por força das crises internas, Portugal só não esqueceu o Brasil porque, para sobreviver, dependia das remessas da “colônia”. E a literatura romântica teve na figura do “brasileiro” o grande filão para a caricatura e o romance. Veio depois a República e a turbulência dos governos e da “formiga branca” e o Brasil só apareceu por causa da viagem do Presidente António José de Almeida e do feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Com o Estado Novo, tivemos dois momentos significativos no quadro do relacionamento entre os dois países: o primeiro, foi o gesto de Salazar estendendo para uma instituição com sede no Brasil o estatuto do “depósito legal”, que permanece até hoje, e que garante o envio de um exemplar das obras editadas em Portugal para o Real Gabinete Português de Leitura; e o segundo foi o gesto histórico de partilhar as comemorações dos “centenários” em 1940, quando o governo português convidou o do Brasil para participar, como anfitrião, no Terreiro do Paço, das festas cívicas que evocaram a Independência do Reino e a Restauração joanina de 1640.

De resto, as marcas e os símbolos portugueses que vemos espalhados do Amazonas ao Rio Grande devemos-os àqueles que um dia emigraram, realizaram aqui seus projetos de vida e nunca esqueceram a terra de origem. Se temos bibliotecas instaladas em prédios construídos em estilo neo-manuelino; ou hospitais a evocar nas enfermarias um santo português – São João de Deus; ou clubes com o nome de Vasco da Gama, o herói da epopéia do Oriente; ou sociedades de socorros mútuos em memória de D. Pedro V; ou festas ao divino, como nos Açores e arraiais da Penha, como no Minho; ou a cozinha das Beiras e o vinho verde – devemos tudo isso à emigração. Para já não falarmos dos estames e dos capilares que, sem conta e sem medida, estão difusos pelo Brasil inteiro.

Os políticos vieram, fizeram discursos, receberam homenagens – e partiram de volta. Os artistas e os escritores deixaram rastros, efêmeros ou duradouros, mas sempre os deixaram. No entanto, os grandes geradores de portugalidade foram aqueles milhões de emigrantes que um dia escolheram o Brasil como “mátria” e que, independentemente da sorte e do destino de cada um, do infortúnio ou da riqueza, das indústrias que instalaram ou da pobreza em que morreram, nunca deixaram apagar o santo nome de Portugal no chão que pisaram.